

# Pedra

Thiago Zanotii



# AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

---

A poesia em formato digital terá o mesmo  
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da  
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,  
agora, dar o passo para além dos limites do  
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e  
construir o seu livro. Também ele cúmplice  
desta batalha pela poesia que não pode ter  
fronteiras, nem barreiras.

*Elefante Editores*

## Prefácio

---

Disse ele que ficou muito tempo em bibliotecas, cresceu em uma, disse, pois menino foi muito ajudado por um amigo, que era bom de livros, assim crescia, lendo lendo, fundo, sofrendo e lendo, ele me contou. Mas que interessa mesmo são os versos. A história do poeta é outra. E tudo o que falei é para que o leitor deixe o lado besta e olhe mais adiante nas linhas da poesia, pra ver belezas, ideias, suas provações e todo o enleio e significação dessa arte de falar nos limites, a poeisis; Zanotti e sua Pedra é o caminho, o-muitos-lugares, o homem que para se chegar à pátria vai falar em muitas vozes e estar em muitos lugares, de-muitos-lugares; do medieval ao moderno, do bop-bop, às orações com subordinação precisa, batida, retórica. Passeio, viagem, mar; marcas, sinal para navegantes, a Pedra e seus poemas. Pedra é de fato um mundo, um mapa, as muitas passagens, pois um poema dali se admite contra outros dali, como se fossem, opostos, dois estranhos, estrangeiros, distantes, desconhecidos, moradores de postos distantes do mapa, muitos-lugares, mesmo mundo, mesmo livro. Cada um uma coisa, pra um alma, dum lugar, diferente razão, um tom, um modo, outra alma, uma experiência, única, não repetição besta. Boa coisa, boa compilação. Pedra é marca de navegantes, já disse, é pra quem em ler no mar, alegoria de quem vai à vida, coisa boa, não feita na mesmice dos poetas vitrola. Zanotti é um trágico; que pra mim são meus diálogos, os muitos lugares da mente e do mundo de tantos outros, que não Zanotti mesmo, outros, com nome, se reais,

conversas. Passagem também minha. Viagem, sertão, travessia, metabasis, katabasis e O Gigante, o Ele, o pacto, a vista, o sem-volta, o depois, o outra coisa, o de-novo, outro eu, mais outro alguém; Se Zanotti? É Pedra, passagem de quem foi, mar que foi. Não sei, mas na marca, tantos lugares, também minha; Pedra, a de Zanotti.

Antônio Clá Marinho

## Epígrafe

---

Meu ato final,  
Minha toda sorte;  
não, não voe tanto a larga presunção dos  
poetas.  
Mantenha-se a vida.  
Assim se escreve.  
Do que se caminha, as pedras, sinal agreste da  
passagem, marca onde fica deixada  
[ a lembrança do peregrino, ícone de  
depositada experiência. Marca dura; rija  
alegoria.  
[ Medida de passagem.  
Pedra.  
O que fui.  
O que deixei.  
Pedra.  
Aos calhais que passaram Virgílio e Dante,  
chega-se à saída.  
Suba-se nas costas do Diabo.  
O purgatório está cheio delas;  
Pedra.

É preciso star sozinho.  
C'uma beleza requer  
cuidados. Longos, libertos  
pensamentos, furiosos,  
intensos, depois, lavrados.  
Muito tempo, mais trabalho;  
Toda pessoa, vista em lentes  
de amor, toma pavorosas  
belezas, mais altas, incríveis.  
Logo os poetas pegam formas  
para fazê-la tão crível.  
E tão logo, denunciá-la:  
a maravilha pois surge!  
Pessoas sendo só amadas!  
vindas, ideais, tão maiores,  
compreendidas então criadas!  
a tocar todas as outras  
criaturas com seu mais. Que trabalho e sforço  
tomam!  
Quanto a elas vai de um espírito!  
Formá-las, dá-las encanto,  
torná-las as sedutoras,  
resumi-las em poderosas mentiras  
poderosas, não banais,  
cuidadas,  
soberbas,  
desiguais,  
que cedem-lhes outro dom;  
embriaguez.  
O poeta é um produtor  
de vinhos  
e vasto é o mundo em águas!

## Carnaval

---

Das poesias, toma a minha mão!  
e concede sua menos sincera cortesia  
pois me despreocupe o decoro  
da biblioteca,  
dá-me como vens à rua!  
Que o mais saboroso dos desejos  
joga bons motivos e boas razões  
escada à baixo!  
Então toma a minha mão,  
que você passou à minha frente  
quando eu era enormemente  
grave e asseado,  
à bunda em estudos,  
e você zombou de meus motivos  
na sua selvagem mania  
de ser só a si.  
Então toma a minha mão  
e passa um pouco comigo,  
pisoteando os meus sonhos antigos que ficaram  
caídos,  
neste campo  
trouxa  
de bobas flores  
carpidas,  
em metáforas cuidadas,  
importadas e francesas,  
de uma memória sem natureza nem verdade.  
Foi uma vida mais;  
e eu era comigo mais doce.  
Então toma a minha mão.  
Um dia lindo,  
um traque aceso,  
uma idiotice proferida na despompa cômica  
e disfarçada  
das verdade tolas de um moço,

tudo à necessidade  
de livres e tratadas palavras.  
Um sorveteiro à rua no verão  
e dinheiro no bolso!  
Vai, toma a minha mão  
para este passeio  
sem prumo  
que somos a metáfora,  
emendável,  
réproba,  
nada douta,  
menos terrível  
de um vagabundo e besta;  
dois vagalumes acesos durante o dia,  
só desmandos  
e impulsos  
como gotas de ouro dum teto!  
A história de quem só vence!  
Porque você chutou as razões tão importantes,  
como também chutou o velho tempo;  
um belo chute no rabo do tempo.  
Que ri  
de mim  
na minha mocidade  
bárbara,  
ensinada,  
no seu ato selvagem  
de ser consigo  
e só em si;  
pois você passava.  
E meus versos agora ficaram como cartas  
esperando à feita dos jogos;  
ardis,  
planos,  
e delicadezas,  
embaralhados e  
e já descartados,  
medidos  
num pife de menino;

inventando suas regras...  
Versinhos.Exageros  
e inocência.  
Que virou jogo!  
Que já é Carnaval!  
Que virou Carnaval!  
Porque você passava...

## II

---

*Na ausência de mim, brincava a meninice.*

## A Narciso

---

Te há uma beleza fascinante, Narciso! Pura e forte. Somada às experiências e a todas as tuas ingenuidades; saber e não saber. Tal qual uma esfinge, sábia e fera; ser velho e menino. De quem pode gozar descoberta mesmo que já a tendo visto. Sem-lugares. Bem ao mundo; sempre distante pedaço de infinito. Tu que só te amas. Tu, como um arcano desconhecido, estranhando aos nativos quando te olhas-, estranhas-te a estrangeiros também, estes demasiado parecidos, todos! Signo da solidão, amante em si, de amor sem destino! Nada te pode distinguir do antigo, que és completamente encarcerado. Que forma ultrajante, quão bela. Que olhos cheios; cheios de arte, plenos e só consigo. Um pássaro perdido, maldito. Que és belo e tanto horrível! Sozinho.

## Dos amantes que só se cumprimentam

---

Esta hoje inquietação,  
paz dura,  
disputa  
que é dúvida,  
que é desejo.

Esta calma,  
silente loucura,  
que comove,  
que consola,

que domina,  
dura paz,  
disputa,  
coisa imposta.

Esta coisa nova  
que me cobra  
a matéria  
velha  
que não tenho  
em tudo que mais tento,  
no menos do que posso,  
no tanto que mais creio;

coisa imposta  
em que erro,  
meo humano medo  
no que mais me toma  
no tanto q'eu não mais tenho;

que é dúvida,  
que é desejo,  
coisa dura,  
paz imposta.

## Fantasma

---

Quando tu, finalmente, compões-te um brilho,  
uma saída um pouco mais distante da comum  
humana,  
que te vês consciente de ti,  
de teus limites,  
da tanta tolice dos homens;  
reclamando-te;  
aí, escreve.

Escrever, pois, é um ato  
mui próximo  
da morte;  
onde tu,  
que não te aceitas,  
te perdes  
te conheces  
como um fantasma;  
livre e ignorado.

Livre e ignorado,  
vigiando  
o vasto mundo  
a acusa-lo...

Aí, escreve.

## O que sempre é e mais varia

---

Qual delas se sai mais bela,  
das camélias que vem nascer?  
que'ntão se colhesse!

Tal dama que me tormenta,  
dentre tais uma mulher;  
que pois'ntão moresse.

De mal, mais me veio sabê-la,  
mais tanto reconhecer;  
qu'antes não houvesse.

Se se pode'o que se deseja,  
em mais se vir escolher,  
que não conhecesse!

Das dores que se lamenta  
se mais vêm se dar não ter,  
qu'então não amasse...

Pois se pode e não sustenta  
quem mais pode fazer,  
que não imitasse...

Pois se de triste surpresa  
mais se m'impõe d'empreender,  
que não m'encontrasse...

E se vem que aconteça  
de má Sorte'ntão reter,  
Qu'então não chegasse!

E s'é Já'Ámor que mais inventa,  
preso'em razões de sofrer,  
qu'então nunca passe...



## À revolução

---

Te haverá o dia q'acordes;  
amanhã sendo sinal outro,  
tu que agora és túbio broto  
para os fortes.  
Serás imperial ramagem  
entestando esta pior gente,  
sendo grave e diligente  
e não tão menos selvagem!  
Que tu agora és a beleza  
dormente sob capoeiras,  
perdendo entre más rameiras  
teu valor, tua natureza.  
Raminho-ainda-sem-vincar,  
não é teu o só-verdejar  
pois que te virão mil cores  
às tuas flores,  
nascidas para negar  
quem não vence e te resiste,  
pois inveja lhes mais insiste  
por ressentirem o teu pegar;  
pois tu contra a silva reles  
és nobreza sinaladaq'em ti fica consagrada  
a virtude das mulheres:  
Querem-te os olhos não-bárbaros,  
todas as mãos pan-helênicas  
para seres a flor Eumênica  
de divas fitas e nistros  
que circun-guardam os cabelos  
de deuses.

Vai! Cresce por combatê-los,  
contr'esses  
miseráveis teus vizinhos,  
faz brotar os teus espinhos,  
pra, pois, soberana ser

a beleza com mais poder!

### III

---

*E Eu te verei sofrer.  
Assim é o Inferno; aberto para todos.*

# Tempo

---

Tempo,  
grande  
tempo,

hoje  
caem  
sobre  
mim  
gotas  
desanimadas,  
gotas  
como  
gente  
não-amada.

E amanhã trovejará.  
E o céu será sempre uma promessa.

Tempo,  
grande  
tempo,hoje  
caem  
sobre  
mim  
gotas  
desanimadas  
gotas  
como  
gente  
não-amada

E amanhã trovejará.  
E o céu será sempre uma promessa..

## A quem vai

---

A quê? Foi marcado.  
E foi simples; tem de ir.  
E te deixo à mão da Sorte.

Corre teus riscos, vai cair teus tombos,  
vai ter vivência cos maus.  
Vai fazer a tua dança.  
Que te deixo à mão da Sorte.

Mas vai bem; sai feliz.  
Que te deixo a mãos maiores;  
às minhas disfarçadas  
ao peito.  
E, calado, onde confesso;  
que te cuidarão melhor, por mim doendo.

Um pássaro me pediu de você licença; e eu  
dei.  
Eu me detinha; vai.  
Q'ele te conduziu à mão da Sorte,  
no teu risco à minha.  
Leva, pois, de mim, esta brisa  
nos meus receios;  
o teu cuidado.

Leva-me no teu descuido;  
gira-me às teus meneios,  
quando as flores se abrirem.  
Quando as flores se abrirem.  
Vai.  
Que de resto, em ventos, mais espera.  
Que te deixo à Mão da Sorte

## IV

---

Se as máquinas,  
se os números,  
e um fixo senso de bem estar.  
E o próximo passo basta.  
O homem é um agora  
extenso  
numa  
satisfação  
constante.

Imprensa e transmissão esportiva.  
Fácil.  
Ficamos morais.  
Ficamos.  
Estamos prontos para a felicidade.  
Achou-se a fórmula da vida num algoritmo  
simples.  
Otimização e engenharia.  
E um *bom*.

Para completar será pouco.  
Ir *além* é desnecessário. Temos meta.  
Assim o esporte é o maior dos espetáculos  
dessa terra, um quadrado,  
um grupo,  
um objetivo  
e algumas regras;  
a lógica do divino!

*Senhor policial, o senhor poderia me fazer uma  
gentileza? É que eu acabei de pagar,  
[ e andei trabalhando o dia inteiro.  
Mais alguma coisa?  
Não só isso mesmo.*

Um povo assim vai amar a tradição.  
Vai ter muitos mitos, muitos feriados e poucos  
poetas.  
Nenhum poeta brasileiro vale muito a pena.

Na parede, estão postas tantas fotos.  
Quem tem família sabe de onde vem.  
*Sabe o que aprendeu.*  
E o que herdou também, e do compromisso  
que deve assumir,  
[a imagem que tem de se tornar.  
*Este terno foi do seu pai.*  
É assim na televisão, ficou assim; a caixa  
registradora.  
A repetição é o padrão.  
Tudo se perdeu em alegorias de lucro.  
*Meus genes.*

Tudo está nessa lógica, tradição até para a  
natureza.  
O ser cretino ficou igual ao ser careca.  
*Está no sangue.*  
*O Brasil é assim. Isso é o Brasil.*  
*Muda a estação do rádio.*  
*Muda o ciclo.*  
Acabou; volta.  
O dinheiro tem suas vantagens, torna a vida  
fácil.  
*Os produtos são os melhores possíveis.*

A repetição, gêmea da generalização pega, é a  
nova erva daninha.  
Comprar é o ritmo.  
A existência rude que bem aprende.  
A ciência aceitou as estruturas de autoridade.  
O homem de ciência está balizado pelo status,  
[assim ele se comove. Assim ele tem um  
cartão de crédito.

Assim, ele vai ficando especializado, como uma  
peça de xadrez, e lá está o quadro,  
[e ele no jogo. Contente.  
A ciência não tem mais mártires, isso é  
*passado*,  
nós fizemos as pazes com as igrejas.

Os cânones trazem um total desligamento da  
realidade,  
foi-se a história *pra* não voltar.  
A História já chega fudida e com sucesso.  
Sonhos, vantagens, músicas; no crediário.  
O amor é uma vida comum, num fim  
conhecido, num trecho esperado, no sistema  
do certo!  
Todo mundo tem seu programa de televisão  
favorito. É normal!  
A indústria está com o baralho.  
Que importa o resto?  
Isso basta...  
É agora.

---

Como era aquela música?  
A canção que te fez?  
Que em tudo foi difusa,  
daí, fez-se em tudo única  
forma de placidez.  
Esta paz, coisa confusa  
que, sem saber,  
[se fez.

## Migliaccio

---

Ah, poesia com "Ah"

você barata de novo  
você barata do tempo barato  
barato e novo  
o tempo novo;  
poesia imaturaz  
como  
[ quase  
só um olhar  
vago e tonto  
para vetrines  
eu que li sobre revoluções  
e grandes e belas obras  
de esforço e mérito  
agora vejo isso aí  
sem-vergonha

tempo exposto...  
vivi  
[ não quero crer  
para ver a sociedade  
do  
auto-retrato-indecente-e-inútil-e-idiota  
do self do agora  
a nulidade que se projeta o projeto iluminista  
do esclarecimento  
como prostituta  
convencida  
para o Instagram  
prostituta sem revolta  
e sem necessidade!  
de quem  
[ mediocrementemente  
só pensa em se safar

em tirar mínima vantagem  
já mínima  
maximamente  
indigente  
indecente  
não-inocente  
e besta  
e um aqui e outra alí  
eu dou um alô aos amigos  
e nada  
e nada  
e nada  
alguns atentem  
alguns vêem  
alguns compreendem  
"É, meu irmão, é..."  
no mundo que tem selfies  
que o modelo  
é a modelo  
[ indecente  
e o jogador de futebol  
[ idiota  
que só faz e propõe nulidades

quem  
[coisa  
que até os mais inteligentes  
debatem e  
apreciameu vivi até aqui...

amanhã, vejo se ligo pra um amigo.  
Ah, poesia com "ah"  
eu vivi até aqui...

## Vãos amores

---

*Foi uma boa noite.*

Destes amores que nos assaltamos,  
que não entram no tempo.

Há quantos. E uma vida  
os soma, tais sinais, que necessários  
e deixados. Que em vagos passos, neles  
uma vida atravessamos.

Bem e mal são paixões,  
como vagalhões, livres de promessas,  
de amantes sem memória,  
tal primeiros amores  
corte de cuidados;  
tal sinais necessários.

Nos deixamos e somos  
deixados. Não emprestam zelo, não  
são questionados. Pouco levam.  
Sua única frase e seu todo momento.  
Tomam agrado e zombam.  
Alegres, não serão compostos jamais.  
*E você está bem agora.*

## Candelária

---

Abre a monstruosidade,  
é lixo,  
que humilhada,  
que ali nas memórias rejeitadas,  
vasculha a própria permanência  
formando-se  
a cada monstruosidade revirada...

A cada tampo deste mundo rejeitado,  
uma voz dura,  
divina,  
sem som,  
dum dito diabólico,  
ouvido só em alma,  
lhe reprova,  
*lixeira*,  
vexada.

Diabo-dizendo  
que a mão curiosa  
que vasculha,  
que ali precisa, é falsa,  
desimportante,  
algo demente,  
nada urgente,  
não vale nada,  
fazendo da cabeça esperançosa  
na mais culpa;  
uma vida a menos.

A cada tampo deste mundo rejeitado,  
nova dor,  
uma humilhação dura,  
vivendo do descaso,  
do cansado da

catação,  
de homens desvalorados.  
Suando.

A cada tampo deste mundo rejeitado,  
Amém.  
Um dito maldoso  
nela,  
que cata respostas,  
Amém.  
Das candelárias...

E o Diabo  
na abertura da monstruosidade,  
na alegoria triste,  
me sufoca,  
Amém.

É o cheiro do lixo do  
anjo-adversário,  
na condenação das escrituras  
ofendendo.  
Ferindo,  
maldade poderosa,  
onde o Diabo toca.

*Eu que posso não ousarei!*  
E sufoca.  
É lixo.  
A alma pesada,  
nada ingênua,  
disfarçando  
a abertura da monstruosidade,  
Amém.

Amém.

## Estátua

---

A larga dúvida  
[alegoria do mal  
a culpa de meus atos  
diante de ti;  
aquele  
pesar  
que visto,  
sobre mim mesmo,  
capa de chumbo,  
de talvez não ter seguido  
melhores caminhos...  
Minha louca mania  
[alegoria do mal  
de crer que poderia ter sido tudo diferente...  
A brisa que agora,  
morosa,  
vai dizendo,  
a minha porta batendo,  
que é  
noite está lá fora.  
É que diante de você,  
busto tão altivo,  
alegoria de tantos passados,  
que paro  
duro,  
cálido,  
mudo,  
pouco lícido,  
tremendo,  
discretamente,  
perdido em suposições  
sobre mim mesmo;  
minha imagem  
que eu lhe fosse diferente,  
que você me seria diferente,

que tudo poderia ser diferente.  
E eu me atraso,  
em memória e sonho,  
eu jogo o tempo fora,  
trêmulo ainda,  
e perco o agora.  
[ nada, sem nada  
Mas e se a coisa mudasse?  
E agora não haveria pra mim esta memória...  
Nem os sonhos todos.  
Mudasse me o destino,  
mudariam todos os encontros  
e a graça de acontecer tudo no tempo, não  
seria,  
aquela sequência maldosa  
que foi único jeito de gostar de você.  
Que então eu tome  
em meu vivo destino,  
todas estas pedras,  
as minhas,  
sinais,  
apoios,  
para forçar a queda  
deste imenso ícone  
sem vida  
gesso morto,  
esta ruína,  
ideia perdida dum  
projeto de homem...  
falseamento,  
imitação,  
pra pôr no chão,  
quebrar  
esta dura imagem  
que fria  
me cala  
diante da sua vida.

## Iluminata

---

E Quantos cuidados! Que cuidam os homens, quando eu, fechado à pensamentos grandes, isolei-me, nesta seriedade; cuidar das coisas vãs do mundo e perder-se num projeto comum de igualdade. Não! A alma humana, quando pretende galgar outras alturas, uma mínima ou qualquer forma de transcender, põe-se à distâncias, que afastado estão também as coisas que ficam ao alto.

Assim, isola-se o homem. Isola-se como uma alma que se perdeu, que se deixou, ou por ultrapassar, ou por ser muito ultrapassada. Era muito nova. Põe dizia estar o gênio e o louco em mesmo canto, contra a gente comum, estão referencialmente à mesma distância, longe, afastados, passaram. Mudos?

A alma distante, eis uma imagem belíssima; sozinhos. É o homem que deseja a magnitude. Deve se descobrir. Deve se revelar ao mundo. Duro, isento.

É o homem que decidiu experimentar as sombras, para que assim, tenha no domínio dos contrastes, as melhores experiências da luz! A Queda e a Melancholia. Divinas! À parte; longe da comunhão besta de apetites, isoladas de uma cultura que desce, que perde distância e tira nos o fôlego.

Longe e intensa; a imagem de uma estrela. E eu me chego a ti, grande e silente criatura. Tu verdejante. Tu árvore, tu algo de pedra, não notada, distante, sozinha. Alegoria dos iluminados.

Aqui, tu, neste rio, neste meu rio; de imensa passagem, arrastando, em muda solidão, as maiores intenções da terra. Para

mim é este meu rio, este rio aqui, nosso, este Sorocaba velho.

Somos o longe, os que, aos olhos das gentes, num surto, deixamos a boa casa. Somos o longe, somos distância; os tolos creem que passos dão amplitude, por isso viajam. Lembra-te daquele demônio Sócrates, longe, distante, e sempre em Atenas! Nossos lugares também acontecem no espírito e vamos ampliando raízes. Somos corpo e transcendemos o mundo na forma. Nosso olhar transgressor consterna-se em preocupações e questões mais santas, mais ousadas, cheias de um amor puro pela vida. A Metafísica nos serve. Servimos a ela. A dominamos. Os deuses, se existirem; existem à nossa, o mundo, se mais perfeito, à mão nossa. Por isso estamos, para um mundo comum, distantes e calados; que temos outro. Criamos outro? Calamos este.

No imaculado pensamento duma árvore que, diante de um rio, dura. Sutilmente, distante. Imagem infinita; só imagem. Mesmo assim, infinda.

A tua metafísica é tua sombra; lá onde a iluminação está denunciada.

À tua sombra. E o rio Sorocaba..

## Poética III

---

Que teu destino caia,  
dando-lhe dor.  
Para que sofrendo  
conheças à arte,  
torne-te poesia,  
criando,  
para o sofrer,  
um impedimento,  
um novo valor  
que te mascara  
com beleza,  
deixando  
a quem então,  
sofrendo,  
reconheça,  
interpretando,  
uma necessidade  
tão mais  
sensível,  
tão mais  
bonita,  
que ficará largo  
em vontade.

## Victus amore

---

Tiv'eu visão tal o vate  
daquel'indimenticável  
romance.  
Era o deus  
com aljava cinco vezes  
dúbia que ordenara,

dizendo:

“não temas nunca  
o q'eu sempre t'impor,  
mas age-me gentil sempre.  
Pois q'eu nas minhas infâncias  
nunca manc'ó, grave e certo,  
que sendo doce, sou bom,  
sendo deus, tenho lei alta:  
zombo quando testo'e quanto  
mais testo, mais eu dou honra.

Sei q'agora sofres meu  
peso, mas sabias que logo  
t'alivio, pois sempre guardo  
o apaixonado e quem  
lh'é querido, de cad'um  
marcando e pesando os atos.Ah, como pedem  
alguns  
minha vingança! Ah, como  
são minhas inimigas estas  
tais Vilânia e Avareza!  
Q'é meu juro derrubar-lhes  
os fiéis, os que se lhes põem  
à tropa. Um a um eu lhes  
mui busco, um a um eu lhes  
mais encontro; tendo meus  
irmãos comigo, Sofrer  
e Furor, co'eles eu julgo

co'eles lhes justifico;  
não ficand'um que querendo  
antes mais, depois, implora#me por menos!  
Ruína lhes  
mando por mérito!  
    Não temas!

Então age como t'ordeno:  
Toma d'teu espírito  
o combustível q'é meu  
que fic'ao peito, c'a tudo  
inflama, eo dá; por ser  
da chama da má soberba,  
do pior dos egoísmos;  
q'ela, selvagem senhora,  
ficará maior, pois com tal  
s'inflama, tant'ascendida  
lha vaidade, falso-fogo,  
n'adustível que me vale.

Ladra de divina'unção  
será facho'ascendido  
de chama mui torpe,  
lume sem valor, sem fôlego,  
para pouco fazer verao somítico que mete  
bens a tanta sombra, pois  
bem lacra'ó q'é precioso!

Egoísta não scapará!  
Que maior Sol contr'este nada  
fogo logo advém,  
pondo luz ond'era sombra  
contr'ó mal dispondo'ó bem!

Com grande aparição  
sumirá quem tanto'sconde!  
Q'Amor sempre vence  
mesmo se ferido!  
Que não me há torre

que tanto resista!  
Pois vai, doa-lhe'ó que te tens  
ao peito: q'ela trague  
aquilo q' é meu, que dela  
te trarei aquilo q' é  
nosso! pois com a Justiça  
também m'incendeio!"

Assim mo falou em sonho  
o deus que nos é sonhar.  
Que pediu que bem se guarde,  
quem muito mal nos agrade,  
Por sempre nos bem guardar!

# Facebook

---

O facebook é assim  
gente que fica se inflando que nem balão  
puf puf puf  
inflada  
puf puf  
vazio vazio vazio  
PRA PARECER MAIS IMPORTANTE  
like like like  
puf puf  
oh, eh,

like inflando, puf

até estourar

[de tão besta  
quidem balão de festa

## O poeta no confessionário das páginas

---

É uma vela acesa.

Noticiar difícil; de quem, vivendo, não conhece bem a vida. Nos valem de uma absurda e impossível sucessão de eventos; como se a Fortuna nos provocasse. E falta. Uma sombra que tem realidade e não tem sangue; uma vida e sua montagem, seu palco, suas falas: nossa débil compreensão e dificuldade em contá-la; e vamos de palavra em palavra montando nosso belo esquema, inventando aí, mentindo cá, emendando ali, deixando cá. Tudo no mais alto rigor de verdade nenhuma. Que verdade!

Hão em mim uma tristeza, uma desconfiança, um medo, um silêncio, uma calma, uma leveza, uma crença, um entender, um querer, um ensinar, um perceber, um errar, um desconfiar, um acusar e outros dizeres. Sou uma alma confiante, nu e desesperada que, contendo-se, observa. E assovia um verso.

O sábio coloca na vida pretensão e prática. Ilumina-se assim; o perfeito existe sem se haver perfeição; ponha uma linha a mais no mundo e fale um versinho... Amor de dura compreensão e impossível existência. São só agitados egoístas, tão sem culpa, que até ficam belos. Atirando numa modalidade da loucura que conta a partir do zero. E eu sou um doido comum; a modalidade do melhor dos esportes é jogar em camisa de menino. Que nada! Melhor é ser mais asseado e sério; disfarçando...

O que não gostar, amigo, vá esquecido, segue as linhas. Que eu dizendo, dizendo muito, e ora sou mais claro e ora mais obscuro. E como

um dia, vamos nos entendendo. Cada palavra nos aproxima, nos cria e nos afasta. E isso é bom. Do risco que eu aprendi, eu escrevo. Venha, meta um tijolo comigo; vamos ficar sozinhos erguendo esta torre, pra ficarmos bem sozinhos e termos um amigo no coração. Vem ler um ensaio, um poema.

Busquei luz para recompor-me. Quis a coisa nobre. Procurei o espaço mais limpo. Desci a um campo cheio de flores. Busquei cura. Retive horrores. Decidi uma saída e acabei cheio de artes. E sigo acreditando em praticá-la; apaixonadamente.

Ora, o suor que desce da cara tem sempre melhor intenção. Então fia. E dane-se as linhas do mundo quando batemos as nossas. Deus e seu garrancho.

Quem ama não se arrepende pela ânsia e nem pela ferida adquirida. Antes faz versos e chora suas metáforas violentas. Paixão e Palavra. Vai batendo, vem vindo; o livro é uma prática. A vida, algumas páginas.

## O louva-deus

---

Ao louva-deus que subiu em minha mão  
minha  
entregue  
desculpa.

De mim,  
que lhe fui duro  
demasiado  
quando  
humano,  
nada entendi.

Que me aconteceu,  
quando ia,  
em meu humano desaviso,  
à minha cotidiana violência para mundo  
Quando o notei:  
tímido verdejar,  
um pouco mais intenso;  
era brilho verde,  
num verde e rude mar,  
da grama sem valor,  
ele era mais verde.

E aqueles tais olhos de bicho,  
em dois globos estranhos,  
verdes e  
sem medo,  
me olharam.

Baixei minha cabeça,  
nos olhávamos,  
interessados,  
naquilo  
que nos era,

não rara,  
nova aparição no mundo.

E discreto  
ele se adiantava,  
vindo  
na cadência circular,  
da música que fazia o vento,  
vindo  
na ousadia condenada,  
dos insetos,  
que sempre avançam  
em qualquer lugar.

E discreto,  
em seu descuido,  
no movimento doce,  
pausado,  
tonto,  
subiu na mão que lhe ofereci. Veio  
entregue,  
na amizade dos naufragos que se deixam  
à qualquer sinal  
de salvação,  
urgentes,  
plenos de medo  
e de alívio  
por se salvar.

Subiu em minha mão.

E logo,  
eu o aproximei de meus olhos.  
Para vê-lo melhor,  
para notá-lo melhor,  
para tê-lo para mim,  
nas minhas noções, nos meus conhecimentos...

Leal, bicho,  
parado,  
me olhava,  
ali ficou,  
cheio de espanto,  
bobo,  
inseto,  
deslumbrado  
me olhava.

E o inseto,  
moveu-se então  
veio em mim buscar a vida que precisava,  
deu seus passos de mundo em mim,  
a mim, com toda natureza,  
me explorou,  
me buscou  
para tirar de mim,  
o que lhe bastasse,  
o que lhe conviesse,  
e o que precisava.  
Andava.

Mas o peso dos meus conhecimentos,  
da minha presunção de crer saber as coisas,  
de quem vem ao mundo pra saber,  
e que no fim não saberá de nada;

E no peito que ia apaixonadamente dividido,  
pensando,  
medos advindos,  
de desconfiança,  
de fracas e covardes inseguranças,  
tremi,  
pensava demais,  
media tudo,  
supus o que ele queria,  
completamente,

supus tudo,  
e  
num coice  
o afastei de mim,  
o joguei fora,  
na mão dura e criminosa,  
de gigante  
cheio de medo.  
Que diante da graça miúda,  
da natureza estúpida,  
mais sincera,  
receei,  
doçura,  
agudamente medroso,  
por não vê-la medida em meus métodos todos.  
Nunca a esperei verde e destemida, em minha  
mão, a felicidade...

Tremi  
e o náufrago caiu de volta ao mar,  
triste,  
ferido em sua esperança verde...  
E torto levantou-se  
naquela forma estranha  
provocadora  
sem jamais duvidar  
ou pensar  
que fosse lindo...

Ao louva deus que subiu em minha mão,  
então  
ofereço  
minha cabeça baixa,  
e minha lágrima particular,  
pelos meus pudores todos,  
minha falsa arte de viver  
minha falsa arte de brincar.  
Na minha vergonha, cínica,  
falaz e engenhosa...

Minha humanidade pesada  
Minha humanidade cansada  
Minha humanidade...  
Que não pôde suportar uma vida  
limpa demais,  
livre de ideias.  
Que não pôde  
receber o divino,  
ainda inominado,  
absolutamente desconhecido  
e aberto.

Ao louva-deus que subiu em minha mão,  
minha vergonha,  
por não poder sustentar o que é infinito  
na distância que faço nas coisas,  
do que aparece além de mim,  
estrangeiro,  
que me visitou na violenta condenação...  
Meu cárcere para mim mesmo.

Ao louva-deus que subiu em minha mão,  
minha dor  
por ter desaprendido minha infância;  
e todos caminhos do mundo  
novos e  
desconhecidos.

Minha educação toda,  
minha casa do receio,  
obrigações  
e mais nada...

Ao louva-deus que subiu em minha mão  
minhas medidas, meu controle,  
minha esperança vaidosa,  
de encontrar o que já conheço,  
de dar coices cheios de civilidade  
para acabar onde eu quero.

[ limite de mim

Por que foi ele verde,  
pequeno  
e feliz  
e se chegou a mim.

O louva-deus que subiu em minha mão.

## Flauta cabocla

---

D'embrenha da mata  
chamava  
voz duma linguagem  
índia  
na prosa que faz a lua  
muda,  
calada.  
Em harmonia doce  
dançava  
o coro livre da folhagem,  
doce  
q'imitava  
glosa do disfluxo do mundo  
do sincero tom  
que dava  
a flauta cabocla  
que fala.

## Costelação

---

Em cada uma das letras do teu nome  
se encontra um signo,  
e em cada signo  
concorrem lá cada uma das estrelas.

E qual dentre elas vai me dar o brilho,  
e esta certeza  
a pôr surpresa  
contra esta dúvida de desenganos?

Ah, loucura de fatos, esperança  
tão insistente  
de Amor dolente  
com alegria pois tão desesperada...

Que rasga com perguntas tão furiosas  
o lugar onde  
por fim se esconde  
sta strela que vem vencer me nalgum dia...

# Amizade

---

*a André Perez*

Dos que  
por uma vontade  
[ maior pela vida  
obtiveram  
consanguindade  
a zombar  
[ juntos  
de seus  
inimigos  
[ rivais  
quebrarem as cadeias  
da sorte  
que  
[ iguais  
foram celebrar-se  
diante dos mistérios  
e caminhos  
de toda morte

## Chumbada

---

Mas no amar não dá pra eleger ninguém. Não. Tem gente que é que põe umas roupas no outro de aperto: daquele jeito, bem vestida. Mas não dá, não cabe. Pois sempre se fica aí; esperando aquela pessoa. A gente tem essa mania; de ficar apontando na gente essa tal de aquela pessoa. Põe gente em mira, pum, aquela. Mas não tem aquela, tem é impressão, sonho besta, tiro de chumbo bobo. Que a gente quando gosta, fica nesse mar de esperar, e gosta de assim ser, esperar pra esperar. Já viu? Assim a gente acha que tudo vai ir bem quando vem aquela... Mas aí é que mora o problema ca sua família, na hora que aquela pessoa acontece; e não acontece. Quando é a gente na nossa, ficou é pondo uma mais como n'aquela. Aí é um sonho, a gente ama tudo aquilo no daquele jeito. Daquela jeito que era aquela pessoa, fica dizendo, flor do campo de sonho, que é a gente é que planta! medindo na régua do aquilo; régua nossa. Mas logo vem a capoeira do tempo e pam! Aquela pessoa começa com outros aquilos também, vai mudando, nem se parece; aí já não fica mais tanto como era: aquela. Mais é, parece outra que antes. Aí, é estranhamento, cobrança, tristeza, birra. Criança que perdeu a mão boa. Mas aí quem começou com isso de esperar que qualquer pessoa venha no tecido d'aquela. Pessoa é qualquer, tem seu mundo, tem chão e céu infinito, azul, bonito, inferno também. Mas tem chão e é consigo. No mais é gente também. Quem tem o aquilo? Sabe lá o aquilo? Quem tem? Tem é na cabeça da gente, que numa pessoa se distrai, boba, feliz, daquele jeito.

## Da amizade

---

Dos que  
por uma vontade  
[ maior pela vida  
obtiveram  
consanguindade  
a zombar  
[ juntos  
de seus  
inimigos  
e  
[ rivais  
quebrarem as cadeias  
da sorte  
que  
[ iguais  
vieram celebrar-se  
[ imortais  
diante  
de todas mortes

## Poiê

---

Viver é um ato errante  
é a arte dum viajante  
q'isento dum destino  
fez-se ser peregrino  
pra pertencer ao mundo!

Tendo'ato de sagração,  
que traz-nos invenção  
que vale aos sofrimentos,  
doando vida a inventos,  
sendo só vagabundo...

Não tem valia notada,  
nem coisa tão deseja,  
mas faz bem ao amante,  
o caído ser confiante,  
eo infeliz ser jucundo,

conhece bem as dores,  
traduz em fala atores,  
suporta a toda crença.  
Que não há quem o vença  
no conhecer profundo...

## VI

---

O homem, numa noite sem velas, numa noite escura, sem imagens ou ideias de santos, deve pôr-se num refúgio, cobrir-se; encontrar-se num lugar onde estará distante de todo o mundo, lugar onde imperará sombra e silêncio; este homem deve encontrar-se no Cocito, sendo de todas as criaturas a mais rejeitada, isenta de confortos e esperanças, o já-perdido, portanto, o plenamente sem medo. Ali ele deverá questionar. Ali ele deve dizer, livre, que quero afinal? Fazendo aparente pois sua imensa e única Vontade, aquilo que sempre esteve acima e por trás de tudo. Ali onde se descobre o desgraçado, o idiota, o criminoso, o injusto que sempre se foi. E, neste lance de sorte, ele pode negar com total sinceridade e res-fazer-se. Numa fúria de morte ele pode recuperar outra vida e, já sem tormentos, ser verdadeiramente alegre, ascender acima das contingências e dos hábitos banais, e ser o novo, ser o a si mesmo, fortemente nominado-se –no que descobre de si mesmo! Reconhecido, renascido, altivo, feliz, num fôlego imenso, ele pode pois se jurar, pôr-se à arte, plenamente, encontrá-la em si, sabê-la de si e pois inventá-la; contê-la que, rejeitado todo registro dos sucessos! Doar-se agora totalmente; tal como faz uma estrela consumida em nome de seu próprio brilho, eterno das noites, sua vida infinita. Apagar-se pelo próprio fogo que produz? Não; manter-se. Ser sempre final e ser adiante! Ah, tu que aprendeste a mais sincera das vontades! Ah, tu que te agora chegas aos homens com liberdade! Ah, tu que te tornaste senhor da vida! Ah, tu que vai então seres

mestre por saber o que se deve amar e mais o que pode ser arte! Tu que já não temes justificativas; nem mais o olhar de teu próximo!

## Dantesco

---

Como você está hoje?  
O que tem se feito?  
O despropósito,  
o depósito dos medos.  
A frustração e o senso  
da culpa;  
de culpar os outros.  
De odiá-los; de medi-los.  
Duro juiz.  
Ruína do mundo.  
E esta sua vã esperança  
cheia de feridas,  
de que,  
em sua justiça  
se torne  
[ finalmente  
a medida  
do mundo.

## Máquina

---

Nos querem sem sofrimento  
tal o modo das máquinas,  
duras,  
caladas,  
numa mesma ideia de homem,  
produtivo,  
esmagado,  
subjetivamente  
lucrativo.

Nos querem no fim de nossas almas,  
mortos para o desafio dos vivos,  
pois nada mais se reclame,  
e nada mais se possa,  
e tanto mais,  
idiotamente,  
se aceite.

Nos querem,  
finalmente,  
imagem  
dementeque só consome,  
imagem de homens,  
que de tão tristes,  
perderam até a tristeza;  
imagem de quem não faz inimigos,  
imagem  
de máquina.

Máquinas;  
como nos querem.

## VII

---

Eu me coloco a refletir sob uma tendência; a dulcíssima entrega que um homem faz a uma verdade. Penso que a força de um homem se dá no grau de sua afirmação, e tanto mais por sua capacidade de permanecer e resistir; em fazer duma afirmação uma verdade duradoura, e tanto mais nisto em manter distantes tantas e tão pungentes necessidades. Um homem é um completo fracassado quando se torna um convertido, alguém que tomou para si uma verdade sem, antes, um pouco a inventar; no mais, fora ele apenas surpreendido por um rigor maior, maravilhoso, divino, que, apresentando-se, o esmagou. Nessa situação a força não estaria no novo deus, mas foi só um valor relativo à fragilidade daquele homem, que facilmente esmagado afirmava que a força veio do outro e sua enorme potência... Assim caminham as tendências como verdades! Assim um discurso idiota não soma a si homens pela força do discurso, mas por suas incompetências. Os homens com dom para escravos, os nada-soberbos, sucumbem às primeiras e má formadas imagens de deuses e novidades –E eles têm alguma?– São pois eles homens da moda! São homens cheios de uma tal moral! Os que estão pois bem vestidos... Você está ultrapassado, eles dizem. E, olhando os meus dias, que vejo então? Ah, a-fácil-entrega, tão menina e sorrateira, tão comum, vontade-de-nada; não resistir. A não resistência, os ratos que seguem o temperado e mordaz som da flauta. O que escutamos? Alternativas de literatura... Aí estão eles de novo – a ironia do ser novo e já tão velho!—

tibiamente velhos! O eterno pecador; credores de dívida, com sua Lei. Tudo por conta de não se poder lutar contra as verdades...

## O homem do boné azul

---

O homem do boné azul  
perdido  
um tântalo sequioso  
que espalma a água  
do futuro  
e não a traga  
[ não a tragou nunca

triste porque o trem foi perdido  
por isso é pétreo como os atrasados  
duro, o homem do boné azul,  
vaga dos noticiários,  
crendo à boa virtude  
Tântalo  
das comunhões

O homem de boné azul  
azul  
que é cor reles  
e óbvia  
O homem de boné azul  
que é meu amigo  
distante  
perdido  
pétreo  
[ mesmo um Tântalo para o futuro

mesmo um Tântalo  
disfarça sua miséria  
no azul  
que para o menino  
simula o mar

O homem do boné azul é

---

vaga  
ao menino  
em toda agitação e brilho  
de  
que azul  
é promessa do mundo

## VIII

---

O que não minto.  
Sim, as minhas todas faltas  
de mim  
que rasguei minhas roupas  
pavorosas  
e ridículas,  
gala  
de mim.  
Que  
de mim  
não concebo culpa  
e que não quero!  
Ingênuo de mim,  
fico  
sagradamente,  
sem culpa.

Eu que diante do sol  
tenho sombra  
que no desespero,  
roubaria,  
e que na alegria  
roubaria também...e que carregando,  
perseguido  
por mim,  
a minha sombra  
com a qual  
andarei todas as vias do mundo.

Sim, eu nada eterno.  
Sim, eu nada metafísico.  
Sim, eu agora e jamais depois.  
Que minha roupa mentia a mim todos os meus  
outros agoras,  
fui ontém e um certo eu seria,

e um pior e mais canalha  
hoje;.   
eu sou,   
eu dizia.

Eu que não era nada  
e nem podia.

Sou cheio de dor  
e mais vontade,  
minhas bestas sinceridades,  
insustentáveis,  
minhas tolas fantasias,  
meus desejos de boa morte,  
a se cumprir um dia,  
em sim,  
num homem de agora.

Nos homens que dizem sim  
e nada mais disfarçam.  
E nada mais disfarço  
de mim.

Saúde a você, poeta,  
que acha que tudo é poesia  
perdido em você  
ideologicamente  
decente,  
menino,  
poesia que falando de tudo  
não mudará nada...  
poesia que celebrando qualquer coisa  
propõe a coisa qualquer.  
Poesia idiota,  
Poesia burguesa,  
Poesia, espírito de lucro,  
ingenuidade,  
poesia que não vale nada...  
Poesia de massa.

Poesia pra massa  
que nunca é poesia.

Poesia pra nada.  
Nem poesia.

Sim, eu quero homens de sim,  
que têm sombra,  
que vão adiante assim,  
abertos,  
sozinhos,  
iguais sem ser iguais,  
no seu tanto dementes,  
e sonhadores,

poetas  
e más poesias.

## IX

---

Sagrada,  
boa Melancolia,  
bom pensamento da morte.

Vontade,  
delírio  
de limite,  
ousadia,  
engenhosa mania,  
de segredos  
e dores.

Revolta e  
arte

.  
Para se reclamar nos limites da morte,  
pare se reclamar dos limites da vida.

Sagrada melancolia  
e medieval  
e antiga,  
a pôr espíritos em combustão,desespero e  
presunção,  
e imagens,  
de dias melhores,  
de coisas maiores,  
de esmero,  
e arte,  
e presença da Morte.

Capricho para com a vida,  
melancolia.

Para se reclamar nos limites da morte,  
para se reclamar dos limites da vida!

## Ladainha

---

Neste meu tempo, é comum e aceitável não ser sublime. É uma idiotice rica e sua prosa é imprópria, simplória e respeitada. Na mesa, consumida. É bom tirar peso em ouro. Ganância ficou júbilo. O oportunismo, sinceridade. E imbecil; um grande sinônimo! No mundo um pântano de páginas, biografias, dos tontos métodos e conselhos, tão mais imorais. Debater não se usa. Credi nella poverità come si credessi in Dio! Esquece-se a razão das coisas e a nobreza de algum sentimento é a custódia de vícios. Crimes e um pouco mais de crimes, diz o homem de imprensa que é o corvo deste campo. Neste meu infeliz tempo que é o tempo dos patrões. Os maiores e principais contribuintes dessa guerra distribuída e operante são os que mandam a nada! Guerra total, uns contra outros, uma torre confusa, alta, a mais ignorância; a incompreensão tentando se comprovar. Violência e vilania como temas, então vamos à ópera! Coibir pra garantir! Que ano é agora? Ah, isso eu não sei. Deve ser por volta de 1984, o que chamamos de estrutura social... É legal e claramente conhecido. Credi, è la vitta! Ed così è la verità! Mas padre...Mas professor...Mas Rabi... Essa é a pedra, essa é a filosofia. Tratado fechada, de um bobo para outro; e mais nada. E os demônios não servem mais, pois a maldade agora não se disfarça, nem é monstruosa e muito menos sutil. Antes o Inferno foi grande e engenhoso, agora é só o mundo num sistema pelo qual todos trabalham; isenção de imaginação; lucro grande. E já está na promoção o novo sonho. A medida é sempre

baixa. E o cidadão que obriga, se safá. A pirâmide é sempre mais pesada na base; logo entendemos a leveza dum chefe. Logo entendemos o fluxo dos desejos, logo entramos na caixa, logo compramos nossa casa... Logo estamos na promoção também. Nossa épica é o trabalho assalariado e seu investimento. Tanto assim? A pergunta é um pouco obscura, mas ousa pergunta-la: onde ficam os benefícios? E o patrão mandou-me embora. Onde é que eu assino? Vão construir mais um monumento – vai embora! – e talvez metam lá um nome, pomposo e cheio de história; foi rico e besta. Basta; verdadeiro colosso! Ossos como relíquia e aplauso estúpido. Vendido. Secos os riachos de Zião. Um único só silogismo; e aplausos. E a coragem como fantasia pra se meter na rua num dia de festa; de futuro chefe e sincero idiota!

## Efeito

---

A alma está a morta e nada mais não cante!  
A vida é só a sombra de um instante,  
salvo os olhos, teu único feito,  
q' em vida dão-me tão doce efeito...

Eo tempo não é mais c' o partido soneto  
pois em juras não ditas me prometo...  
por palavras malditas, sou distante...  
C' a alma m' está morta e nada mais eu cante!

Ea poesia se finda  
tal a vida parte!  
Salvo os teus olhos,  
e minha tod' arte,  
Que' spera mais ainda,

por palavras não ditas,  
estas juras malditas  
dum segredo,  
d' infindo soneto,  
Q' inda tanto m' arde!

Que m' assombra em arte  
este m' amor distante  
Q' em sombra e instante,  
a vida me parte...  
Salvo os olhos...

A minha toda arte...

## Lux

---

Quem pode saber o que sou?  
Quem pode sofrer as minhas dores?  
A minha natureza gigante,  
e seu espírito mais sensível.  
Eu que esposei a morte,  
que encontro nos amigos,  
a marca  
dos traidores...  
O que é o peso do mundo?

Eu que só ando em cidade cheia de vícios...

Quem sabe qual é o destino que leva à mais  
profunda vala?  
Este terrível exílio...

Mais miserável fado,  
mais severo fim,  
duro sinal d'alegria.

Qual louvor que aqui s'encontra?  
Quem sabe a voz de inimigos  
que vem dos círculos  
que trago  
sobre minha cabeça.

A acusação é minha.  
A sentença não é minha.

Cumpri meu papel como criatura?  
Quando todos cometeram erros  
eu disfarçava.  
Minha natureza empobrecida,  
com culpa,  
calada.

Tenho culpa em expor o meu seio?  
Sem vestes eu fui culpado!

fugi para tentar nova música,  
e outros versos  
ousados.

Por que de minha culpa?  
O pior culpado,  
em minha natureza  
certas verdades  
ir conhecendo...  
Por destreza e engenho,  
minha miséria...

Pois olhando a fraude do mundo,  
eu não a aceitava.  
E quis  
se tivesse prazer,  
nesta nova vida de sofrimento. São dignos de  
minhas dores,  
no amor que perdi,  
mas na paixão que tenho!

Eles que com suas línguas  
tanto  
criaram-me  
mal composto  
em imagem  
universal  
de desgraça.

Príncipe do sofrimento...

Na reunião dos maus,  
soberano.

Imagem universal de desenganos.

E se grito!  
conto tudo que tenho  
por ódio  
esclarecido;

as criaturas,  
seus modos,  
seus lugares.

Pior inimigo do mundo.  
Quem só tem maiores vontades.  
Que fui contra Deus em seu absurdo,  
Que fui contra Deus  
pelo mais-que-perfeito.

Que persigo avidamente o sol,  
que desfila sobre o azul.  
Que amei mais alto,  
Resto  
inimigo,  
horrendo,  
imundo.

Culapo por uma verdade,  
a falsidade do mundo.

Estendido em meu juízo,  
com todas as minhas ações condenadas...

Fora do Inferno!  
é a revolta que me eleva.  
é meu grito altivo,  
meu zelo danado,  
minha veemente tristeza,  
única vontade,  
que em todas as formas  
furiosas  
que tenho

se apresenta;  
como facho  
incendido  
de luz  
para levar-me  
fora do inferno!

## Poética IV

---

É sofrer de poesia;  
Pois se escreve o que não se deseja escrever;  
só se sabe...  
Poesia é nos uma obrigação,  
ciúme  
dum  
deus  
pior,  
descontente, que obriga  
numa dor  
que tanto arde,  
que nos preenche,  
que mais vaza,  
quando sente  
que não entende  
que faz arte.

## Ensejo

---

A única coisa que agora basta,  
coisa que quero,  
coisa que resta,  
parece,  
além do abraço dum amor, que outro,  
que mesmo;  
é o sofá seguro,  
para se dar à imaginação alguns cargos,  
mais a impressões  
já citadas,  
copiadas dos filmes,  
de que alguém,  
que falta,  
porque gosta,  
abraça.  
E logo, a vida que, sem crime,  
me pese como criminoso,  
pra disfarçar,  
em algum tempo,  
num desfecho simples,  
um casal,  
que cumpre culpas  
nas francas aspirações,  
que têm  
em bobas trapaças...

## Akadêmika

---

É aquela pedância acadêmica  
andando  
alegórica,  
carnavalesca,  
bem-ridícula,  
tal um grifo empenado e mui colorido  
guiado por um  
anão  
bêbado;  
cá corneta no cu.

É apedância  
destes encigarrados,  
abatidos,  
medrosos,  
e chatos,  
temáticos para a ignorância,  
que discutem o mundo  
dando a ele  
às costas;  
cá corneta no cu.

E ficam lá,  
postulando ordens,  
tal tiranos  
quando ensaiam...

E alí se abrigam  
neste município imperial,  
nesta vila,  
longe da metrópole,  
longe del rey,  
em seu roubo garantido,  
com vileza assegurada,  
na incompetência velada

e ressentida,  
pois, muito mal simulada.  
E assim escondem a jóia  
enfiando-a no cu.

E ficam lá, dissimulando,  
violentos,  
cornetando  
sua fantasia de saberes...  
Que vaza-lhes pelo cu.

## Ogígia

---

Se queres maestria e maturidade, onde estão pois seus erros, suas tonturas, seus equívocos tantos, a ruptura de tuas promessas e tuas covardias? Nestas folhas todas que me apresentas, onde deixaste a tua estupidez? De onde chega à espiritualização quem não tem matéria para isso? Seu vulto gentil e calculado só interessa a tua indisposição à vida; a maestria vincula-se a dores e erros, até sombras. Ser sábio não é ser tranquilo, que antes, a tranquilidade é uma velhice remota, absurda e, quem a possa medir, tristemente convencida, metafísica e tonta. Esfriar não nos põe mais serenos, que em nada ficamos melhores à vida se a ela tivermos disposições mais tingidas; ter caducas as paixões é crer pois ter melhor visão na miopia! Adornar-se moralmente, muitas vezes, é só um agudo caso de preguiça; não tentar nada por já não se poder nada. A montanha sempre foi um refúgio; a resposta vem no próprio vagalhão do mar, nunca na fantástica praia desenhada para privilegiados, distantes e tímidos.

## Baile

---

É bom o passado,  
esta ideia tão cheia,  
tão cheia de nossas impressões e vontades,  
que ficam indo a uma  
passagem pura,  
melhor,  
mística,  
própria,  
para ser o que só se quer presente,  
esta nossa simples vontade;  
o passado.

Dalí sairemos, alí ficamos  
durando...

Na melhor de nossas vontades;  
o passado.

É a esperança mais fácil  
a intenção menos douta,  
cinicamente simplificada,  
mentida,manhosa,  
onde ser vitimado é o grande caso;  
que assim aconteça uma máxima identidade  
onde mais se entrega...  
Onde mais se finge...  
E lá as boas e tontas músicas dum tempo.

Um homem que trabalha,  
um simples homem que trabalha  
e para esse pequeno mundo  
um acontecimento,  
um mero caso,  
a confirmá-lo  
sumo,

soberano,  
moral e  
mundo;  
é um vestido  
um cabelo cheio de cuidados;  
é alguém.

Era ela e essas músicas  
e o destino,  
lá atrás,  
uma memória.  
Assim mesmo memória.

É o que nos basta,  
uma eternidade curta,  
uma promessa simples,  
tão simples,  
pouca  
para ser duradoura...

## Janelinha

---

Anuviou tão escuro  
e não pesado  
cai a chuva calma

Assim sobre o tempo  
contempla a alma  
e vaga

sutil  
límpida  
na chuva  
[ em longe um espetáculo das luzes da cidade  
[ tão primaveris  
[ tão excedentes em calma  
que assim vaga  
passa o olhar pela cidade  
que de ato tão simples  
vem aparecer

felicidade

## Eulavra

---

Não posso sonhar uma grande glória,  
eu já a vi na cabeça de César,  
ele se entristeceu e o mundo não foi novo.

Essa alegria nos olhos de Colombo.  
Eu li essa alegria nas mãos francesas.  
Eu vi essa alegria na palavra russa.  
E o mundo não foi novo.

Eu prefiro é me deitar quando o mundo é  
indecente.  
Eu prefiro é não fazer nada a me medir contra  
essa gente  
que também não faz muito. Nem nada.

Cuidado...mas a história está cansada de  
novidades...

Não, eu não sou contra a mudança.  
Mas a matraquice da mesmisse é que ela troca  
de máscaras...  
Aí, vem uma euforia e, como a música fácil, se  
amplia em sonho.  
A gente fica besta, de boca aberta, e  
esperando.

Eu não,  
quero concluir meu pouco, sem fazer pose, ou  
post, ou foto imbecil,  
[ ou outro trouxa alarde.  
Quero o meu sem aprovação dos muitos.  
Vou é cultivar o meu jardim pra ver se alguém  
aí  
o frequenta  
e percebe os lírios;

como se plantasse a revolução.  
Eu não quero ser herói, pois a coisa é um  
mundo livre de Messias,  
pois o messias é um chato amplificado nas  
 vaidades e nos desesperos.

Somos homens e mulheres livres.  
Mas ainda nos perdemos sonhando com a  
Aurora daqueles dias.  
De encontrar outros seres; ainda.

Eu não.  
Eu vou é celebrar o meu pouco na forma  
pouca.  
Sem mais ficar nessa do grande sonho.  
Que não sou mais que meu jardineiro.

“Mas você abriu mão da revolução?”  
Não. Eu não. Só fui cuidar da vinha e arrar o  
solo.  
Pra esperar essa tal de vindima.  
Mas fui trabalhador, fui quieto.  
Não fiz pose de herói, nem quis isso.  
Eu fui é me dispor ao trabalho...  
Essa coisa mínima que faz algum resultado.

Chega de espetáculo.  
“Mas você não vai no show?”.  
Eu não.  
Chega de espetáculo.

## Bêbado

---

Ao canto  
um astro  
[noturno  
[sorumbático  
difuso  
alí  
desavisado  
o bêbado que vigia  
a todo bar

difuso  
sem a atitude  
ou o modo  
ou o cargo  
daquela canhalha  
de duro humor  
e teses vis  
alí

nem fala

[quê brilha?

o que fez ele antes  
desses olhos momos  
e pacíficos?

nem fala

um olho de vidro  
[de santo de loja  
[e mais  
um olho vivo  
[e mais  
úmido

[e mais  
sem mais

perdoa a tudo  
que bêbado  
desavisado  
em tom de abandono,  
o que poderia julgar?  
perdoa a tudo

da mesa, se forem, são quatro cervejas  
e outras doses  
[de mais  
sem mais

um menino  
perdido  
que por isso silencia  
que por isso alí  
que por isso bebe

perdido  
suspeitar e suspender  
a dor e os pedidos

por isso alí

se lágrimas  
[já vaga  
os olhos de vidro

Que sinaliza já o deus mudo  
[ astro rejeitado  
e nunca guia

e desatento  
a todos os cantos...

## Tontura

---

É tortura  
saber que nesta  
vida,  
bela vida,  
o homem se faz  
em um resumo  
que  
mal  
troca ele  
por algumas moedas.

## Metafísica

---

Abre estas portas que agora  
ficam fechadas!

Em minha consciência,  
acolhe-me denovo.  
Que hoje acordei na madrugada  
incerto e pensabundo  
sem muita esperança...

Olhando estes meus objetos todos,  
em seu peso de objeto,  
em só uma existência,  
calada,  
instante,  
nesta enorme  
realidade  
de coisas sendo só coisas.

E que coisas nada podem...

Que uma cruz não pode ser só madeira!  
Não pode um corpo se perder num ato  
sem valor  
e simples.

E incerto e pensabundo,  
eu te chamo  
numa sede,  
alta-angústia  
de ver aberta as portas  
que agora  
ficam fechadas.

Vem, minha noivinha,  
em tua ingenuidade,

assumir para minhas vaidades,  
minha vontade,  
as explicações cheias de nobreza,  
penitência  
e bondade.

Passa por estas portas  
agora fechadas,  
em teus passos doces,  
menina,  
maleducada,  
e canta;  
excita-me mais uma vez!  
Toque-me como nas rodas se fazia,  
sorrindo,  
e brinque  
na postura que determina  
todos os apaixonados,  
faz um compromisso mais!

Ah, Metafísica  
Ah, meiga, doura e diligente.  
Nas tuas intenções,  
nos teus cutucões,  
deseja-me!  
Leva-me às boates e  
festejos desta longa noite.

Onde lá sejamos sorrisos  
e altos motivos.  
Vozes sublimadas,  
juras apaixonadas.  
e vidas inteiras!  
Onde lá algo nos salvará,  
havendo um sumo bem,  
e nos olharemos  
francos  
e amantes!  
Faça-me zeloso!

Mais uma vez!

E que eu ouvindo,  
solto,  
todas as tuas besteiras  
faça-lhes carícias,  
dê-lhes meus juramentos vãos.  
Bata até no peito  
e brinque.  
Numa noite só,  
nada extensa,  
nada séria,  
nada forte, nada lírica,  
me veja livre!  
Facilmente livre,  
como o amor dos adolescentes,  
idiota  
e cheio de promessas,  
que tanto mais jura,  
e faz das madeiras  
cruzes,  
para brilharem no céu  
para brilhar no céu das noites.

Madeira como estrelas!

Dessas nossas noites!

Vem, meiga. Venha com essas sobranceiras  
bem desenhadas,  
altaneiras,  
ser-me todas as nações denovo.  
Com esse teu rosto arredondado,  
no cabelo posto ao lado,  
comprido,  
trigado,  
nessa voz falaz e  
fina,

tímida  
e cheia de fogo,  
dar-me todas as palavras  
espontâneas.  
Fala doces,  
falas duras. Que hoje é só madrugada!  
E quero estar satisfeito  
com todos os santos.  
Amarrado a eles!  
Que agora é só madrugada!  
E meus dias serão fortes de novo!

Lá fora vão fazer festa;  
ouvi dum baile, e eu vou para lá  
te ver arrumada  
com cara redonda e cabelo posto ao lado,  
que cabeleireira!

Neste sorriso mimoso.  
Neste corpo magro,  
pra que esta hora,  
lá onde há festa,  
sejas lembrada,  
e sejas infinita,  
e sejas alegre,  
e sejas posta  
e não criada,  
porque é um dia de Junho!

Ave Maria,  
e eu lá contigo.  
O Senhor é convosco,  
e eu lá contigo.  
É bendito todo o fruto,  
e eu lá contigo.  
Amém!  
E terei um ciúme louco!

E nós vamos morrer?

Nada, nada!  
O que pode a morte,  
se eu estou lá contigo,  
e se você está junto de mim?  
Nada, não pode nada!  
O Abril já se foi, nem Maio, estamos em Junho,  
quando se faz festa!

Os quartos onde se amava  
vazam amantes vitoriosos  
para esta festa,  
par às ruas,  
para os bailes,  
para outras casas,  
abençoando,  
embriagados.

Que é vinho!  
Que é Junho!

A vida na festa!  
Deus nos céus.  
De se sentar no centro ao redor de doutores  
e os ver todos falar,  
para tratá-la,  
por celebrá-la,  
e você me amar.

Depois acorda-me com beijos,  
Depois embala-me de novo;  
me deixa na noite,  
Que eu durma na vida!Que eu valse!  
Ave Maria,  
e eu era contigo!

E suas preces!  
Ensinadas,  
cuidadas,  
trazidas,

de seu avô  
de seu tio  
do tio dele  
do pai dele  
do vizinho dele  
do Hermógenes  
do interior  
da Chica  
da Prudência  
da Ilária  
da Margarida  
e de mais longe,  
e que tu cantas agora, baixinho...

Estou  
neste campo discreto,  
cheio de capim e flores  
novas,  
sentado,  
cativo,  
ouvindo,  
para que eu durma aqui,  
para que eu pegue no sono,  
enquanto fazes festa.

Ave Maria,  
Ave Maria.  
E eu era contigo!  
E fazias festa,  
comigo.  
Ave Maria!

# Esfinge

---

Transforma-te  
e tu estarás contigo  
e tu estarás conmigo

## X

---

No fim  
quando  
já estiver saindo desta vida  
darei meu aceno comum.

Vou para um novo exílio talvez,  
eu que apenas quis  
o menos complicado;  
a imagem de alguém feliz...  
Com amor sincero  
nada celebrado  
só que honrado  
em presença  
e ingenuidades;  
partilha garantida  
de nossa desavisada humanidade,  
de alguém assustado  
com o desastre  
que há na vida,  
que queria tardes tranquilas,  
que queria noites compridas  
de segredose baixarias;  
que queria novas portas  
pra outras saídas;  
de ver pessoas  
e de as ver  
um pouco inimigas...  
mais amigas,  
mais francas...  
Que quis tempo para pensamentos,  
que quis tempo para perder na vida  
no fim...

No fim, o meu comum aceno,  
no fim

## ÍNDICE

Prefácio.....	4
Epígrafe.....	5
I.....	6
Carnaval.....	7
II.....	10
A narciso.....	11
Dos amantes que só se cumprimentam.....	12
Fantasma.....	13
O que sempre é e mais varia.....	14
À revolução.....	15
III.....	16
Tempo.....	17
A quem vai.....	18
IV.....	19
V.....	21
Migliaccio.....	22
Vãos amores.....	23
Candelária.....	24
Estátua.....	26
Iluminata.....	27
Poética III.....	29
Victus amore.....	30
Facebook.....	31
O poeta no confessionário das páginas.....	32
O louva-deus.....	34
Flauta cabocla.....	37
Constelação.....	38
Amizadde.....	39
Chumbada.....	40
Da amizade.....	41
Poiê.....	42
VI.....	43
Dantesco.....	45
Máquina.....	46
VII.....	47
O homem de boné azul.....	48
VIII.....	49
IX.....	52
Ladainha.....	54
Efeito.....	57
Lux.....	59
Poética IV.....	64
Ensejo.....	65

Akadêmika.....	66
Ogígia.....	69
Baile.....	70
Janelinha.....	73
Eulavra.....	74
Bêbado.....	77
Tontura.....	80
Metafísica.....	81
Esfinge.....	90
X.....	91

Colecção

# digit@lmente

*Título:* **PEDRA**

*Autor:* **THIAGO ZANOTII**

*A partir de 2022, a Colecção Digitalmente acolhe todas as edições para uma melhor experiência de leitura gratuita online.*

*Edição em Formato Digital:* **Fevereiro de 2022**

© **Autor e Elefante Editores**  
para esta edição digital

*Contacto:*  
**elefante@elefante-editores.net**



Ideias e Paixões que vamos descobrindo  
em cada livro e em cada palavra

**[www.elefante-editores.net](http://www.elefante-editores.net)**

Editores de Poesia desde 1997